

“Cuida-te muito em fazer chorar uma mulher, pois Deus conta as suas lágrimas. A mulher foi feita da costela do homem; não dos pés, para ser pisoteada, nem da cabeça, para ser superior, senão do lado, para ser igual, de debaixo do braço, para ser protegida e do lado do coração, para ser amada”.

O trecho acima transcrito faz parte do Talmud. Ele poderia figurar tranqüilamente no livro organizado por Purificación Barcia Gomes, pois apesar de antigo, é muito contemporâneo. É atual, por descrever de forma poética o desejo que a mulher tem de estar em iguais condições em relação ao homem. E nesse trecho, a mulher não só é igual ao homem, mas assim o é porque Deus cuida para que assim seja. Um pouco (e muito) desse tema é encontrado na coletânea de trabalhos que resultaram do evento “Século XXI – Novas Formas de Conjugalidade”.

A leitura fácil e nem por isso superficial deste livro torna-se interessante, por diversos motivos. Sua linguagem é acessível ao público leigo. Os temas abordados são extremamente importantes e atuais. Os capítulos estão concatenados, de maneira que o que falta em um encontra-se em outro. O texto gera afeição de leitura, prende a atenção, em certos momentos é poético, em muitos, reflexivo e, talvez mais importante que tudo, informativo. Afinal, já que estamos a falar de contempo-

## Os novos guarda-chuvas do amor

Resenha de Purificación Barcia Gomes (org.),  
**Vínculos amorosos contemporâneos:  
psicodinâmica das novas estruturas familiares,**  
São Paulo, Callis, 2003, 183 p.

raneidade, nada mais em voga que a necessidade de informação, e o livro cumpre a função de transmitir o pensamento psicanalítico a respeito dos encontros amorosos (ou não) da atualidade, em suas diversas formas.

Para entender os tipos de casamento ou relacionamentos atuais, Claudio Rossi constrói quatro modelos de conjugalidade: o amor romântico, o amor místico, o amor livre e o namoro eterno. No amor romântico, os dois membros do par cultivam sentimentos altruístas de devoção mútua em que o prazer do outro é o prazer próprio, de modo que não há incompatibilidade de desejos. No amor místico, o valorizado é a devoção ao outro no sentido da submissão ao ideal de manutenção do par, onde tolerância e paciência são as ferramentas principais. Neste caso há incompatibilidade de interesses, pois um dos membros do par necessita submeter-se ao desejo do outro. Já no amor livre, os dois parceiros são livres para terem outros relacionamentos, pois a liberdade é o bem maior a ser preservado. Finalmente, no namoro eterno, os membros do par não se casam, não convivem, encontram-se quando há vontade e não existe responsabilidade mútua. Esses modelos variam dentro de um *continuum* desde a fusão completa até a

separação total. Claudio Rossi aponta esse último modelo como um dos predominantes na atualidade e o que mais se encaixa nas exigências contemporâneas de individualismo, mas também o que causa mais frustração, por desvelar a superficialidade das relações amorosas e submeter seus membros ao desamparo.

Renato Mezan inicia seu texto trazendo um trecho antigo da Bíblia que relata o mito da criação da humanidade de modo mais democrático se contraposto à versão do segundo capítulo, o conhecido trecho do Jardim do Éden. Nesse, a mulher é inferior e submissa, enquanto no primeiro, as duas partes são iguais. Utiliza os dois mitos como metáfora para o casamento, ou como as versões antiga e nova das uniões conjugais. Faz uma retrospectiva da história do casamento, e facilitaria a compreensão se estivesse localizado no início do livro, pois serviria como uma deliciosa introdução ao tema. Percebe-se que comentários sobre os ideais de nossa época, os quais geram conflitos entre a vida social e íntima dos casais, permeiam o livro inteiro; parece que quase todos

estão de acordo com a tese de que o individualismo é um ideal contemporâneo e que não dá lugar à aceitação das necessidades básicas de carinho, amor e segurança, entrando estas, então, no rol dos objetos de consumo, tornando a vida de casal um palco de disputas.

A disposição do capítulo de Mezan no final do livro, entretanto, não foi à toa. O subtítulo do livro aponta para as novas estruturas familiares, e é por isso que Purificación abre o livro nos falando das novas formas de conjugalidade, não sem antes fazer uma bela revisão histórica de como foi o casamento no Ocidente, a partir da Antiguidade até os dias de hoje. Que novas formas são essas? São as uniões consensuais e os casamentos homossexuais. As uniões consensuais aumentam à medida que a legislação não acompanha a evolução da independência feminina.

Assim, os pares têm procurado adaptar-se aos seus ideais, à sua filosofia de vida, em detrimento das tradições e do socialmente aceito, transformando assim a realidade. Têm revolucionado as relações, individual e isoladamente, um pouco como o ditado *de grão em*

*grão a galinha enche o papo*. Ou seja, embora não haja grandes movimentos populares em prol das uniões consensuais, elas foram se tornando tão frequentes que aqui no Brasil a legislação foi modificada. Não se sabe se a mudança na legislação reflete aceitação da situação ou se é uma tentativa de contê-la, mas certamente indica que o fenômeno não passou despercebido.

Quanto aos ativos movimentos homossexuais, Purificacion comenta as duas principais vertentes filosóficas que os orientam. A primeira é de origem americana e se alinha com as outras minorias, sejam de cor, raça ou credo, e defende direitos iguais aos da maioria heterossexual, protestante, branca. Ficamos sabendo que esse grupo (o GLS, de *gays lesbians and sympathisers*) teve participação na retirada de *homossexualismo* da CID (classificação internacional de doenças da Organização Mundial de Saúde), fato em si louvável, independentemente da orientação que tenha. A outra vertente ampara as idéias do movimento *Queer*. Ela defende a idéia de que o homossexualismo é uma opção não apenas individual, mas também política, e advoga a postura do sujeito como agente transformador da sociedade, considerando o grupo GLS conservador e mantenedor do estado atual capitalista neoliberal. Mais interessante é o fato de essas vertentes implicarem psi-

coterapias e posturas psicoterapêuticas diferentes. Enquanto o movimento GLS parte de uma postura de promover a aceitação da condição de homossexual e propicia a inserção do indivíduo no grupo social, rejeitando concepções psicanalíticas (já que o *mainstream* psicanalítico considera o homossexualismo como perversão), o outro grupo aceita as concepções psicanalíticas que consideram ser-lhes mais favoráveis, como a vertente lacanianiana.

\*\*\*

O texto de Malvina Muszkat e Susana Muszkat não é menos instigante, pois nos traz um pouco do que são as relações nas classes econômica e socialmente menos favorecidas. Nessa camada, em que a desigualdade social se evidencia de modo gritante, os matrimônios nunca poderiam sobreviver calcados nos mesmos valores das classes mais abastadas. Assim, o interessante é que, no imaginário, a figura de autoridade masculina ainda se mantém, ainda que se concretize na prática de outra maneira. Os ho-

mens, apesar de desempregados, por exemplo, não se ocupam de cuidar dos filhos, tarefa feminina. Para os profissionais que apenas lidam com as classes mais favorecidas, o texto abre as portas para a compreensão de uma realidade mais ou menos distante. Para os que trabalham com essa classe menos favorecida, é a chance de compreender teoricamente o trabalho do dia-a-dia.

E por falar em cotidiano, Ana Veronica Mautner relata um pouco de como o diferente está tornando-se o lugar comum, como talvez não falte muito para que os casais homossexuais, por exemplo, sejam vistos com naturalidade e aceitos não apenas em tese, mas na prática. Diz que falta muito para que os casais se acarinhem em público sem constrangimento, mas falta pouco para que não sejam discriminados. Basta lembrar do *Beijaço*, o movimento homossexual que ocorreu em meados de 2003, no Shopping Frei Caneca (conhecido como “Gay Caneca”) em represália a uma atitude repressiva dos seguranças a um casal gay que se beijava no local. O movimento consistiu em um beijo coletivo homossexual em um determinado domingo, na praça de alimentação do tal Shopping. Penso que Ana Veronica está certa: se falta muito para que a sociedade não se escandalize, pelo menos os

casais alternativos já conseguem defender seu amor de forma mais firme..

\*\*\*

Alfredo Naffah analisa a estrutura psíquica dos membros dos casamentos monogâmicos seqüenciais. Descreve as etapas psíquicas ou os percalços pelos quais todos os membros devem passar. O casal ou cada membro deste deve elaborar seu luto da separação e deve aceitar o passado do outro, do qual é excluído. Comenta o “índice de identificações projetivas” (p. 49) e das transferências do casal, como uma forma útil de realizar o diagnóstico da dinâmica da dupla. Além de abordar os conflitos da história do novo casal, o autor tece alguns comentários sobre os conflitos dos filhos e de como a nova família pode unir-se numa elaboração conjunta de todos os problemas inerentes a essa situação, os quais podem ser mais ou menos graves dependendo da estrutura psíquica dos envolvidos.

Nessa mesma linha, Magdalena Ramos aponta para a influência das fantasias individuais que os parceiros possuem em relação ao casamento. Comenta como essas fantasias devem estar contribuindo para o grande número de separações que se vêem na atualidade. Assim, nos recasamentos, a situação às vezes se perpetua – muda-se o cenário na tentativa de mudar o enredo. A autora examina a melhor aceitação pelo homem dos filhos do primeiro casamento de suas novas mulheres do que a que existe por parte delas.

É muito difícil que pequenos textos como estes que fazem parte do livro possam abarcar todas as nuances que permeiam as relações duais. Os textos então se complementam, e cada qual contribui com uma vertente. Lucia Fuks avalia de que modo o narcisismo individual influencia a dinâmica da díade, de forma que haveria uma confusão de línguas entre homens e mulheres. Aqueles estariam valorizando mais a *performance* sexual para compensar um recalque da emoção e dos afetos, apresentando uma dificuldade de aceitar a idéia de uma mulher ao mesmo tempo independente financeiramente e dependente de seu amor e carinho. As mulheres, por sua vez, estariam com dificuldade de aceitar esse amor e carinho por confundí-lo com um sinal de sua inferioridade ou dependência. Esses dois fenômenos estariam, por sua vez, sendo fomentados pelo ideal narcísico contemporâneo, instalando a competição dentro do casal. O pensamento dos autores parece considerar o casamento como um abrigo para o casal. Esse abrigo seria o local onde cada um poderia se desarmar, estabelecendo uma relação onde não prevaleça a competição ou exigências mútuas excessivas. Por falar em competição e guerra, Fabio Herrmann intitula seu texto "Amor, Guerra e o Casamento de Hoje". Inicia com uma subversão do próprio significado de relação dual, que seria ilusória, pois os casamentos envolvem as relações

familiares além do inconsciente, ou o Campo. É interessante como se coloca em oposição aos outros textos, defendendo que o casamento não mudou muito quando se considera que a mulher ainda vive sob o mandato de encontrar um marido. No entanto, atualmente, quando o amor é esquecido, os investimentos da mulher já se dirigem ao trabalho e os do homem à beleza, provocando o novo fenômeno de lotação dos salões de beleza pelo público masculino. Hermann utiliza o *regime do atentado* para comparar o casamento à guerra, onde haveria a dessubstancialização do sujeito (algo como uma perda da identidade?) com a conseqüente autodestruição; a exigência de fidelidade levando à infidelidade. Ou seja, se o casamento está em crise, é porque não funciona da maneira atual. Qual o caminho? Não se sabe. E justamente por isso Fabio termina de maneira poética, dizendo que nos queixamos do casamento como nos queixamos da chuva. Queixamo-nos da chuva quando ela nos alaga o jardim, mas sabemos que ela é necessária, aliás, essencial.

\*\*\*

Dalmiro Bustos, apropriadamente, traz Dorian Gray de Oscar Wilde como metáfora da atual corrida contra o tempo que se tornou o paradigma do ideal

social, em que todos desejam estar belos, jovens, produtivos e gozando a vida em todos os momentos. Ele também nos convoca a pensar mais profundamente a respeito de nosso narcisismo, ao colocar como *latina* a qualidade de se relacionar com mais amor, mais sensualidade e prazer. Considera os anglo-saxões mais racionais e, pelo fato de terem suas necessidades básicas mais satisfeitas, mais tolerantes quanto ao isolamento em que se vive na contemporaneidade. Penso que pode-se objetar que não seria a latinidade a determinante, e sim a classe social ou a região do país. No Nordeste, assim como em outras regiões que não são capitais financeiras, talvez haja mais lugar para a sensualidade e o ócio produtivo, enquanto em São Paulo poderíamos nos considerar "anglo-saxões".

É claro que o livro não se propõe a abarcar todas as facetas ou conflitos que ocorrem nas relações contemporâneas. A meu ver, dois aspectos poderão ser eventualmente abordados, quem sabe no próximo livro. O primeiro é a questão da AIDS nas relações atuais. A possibilidade de se contrair uma doença fatal por meio do amor modificou a maneira de se encarar as relações extraconjugais; assim, o *faça, mas faça bem feito*, não inclui apenas *faça escondido*, mas também *faça o com camisinha*.

As relações sexuais perderam a espontaneidade e liberdade advinda da década de 60, os *manuais do sexo* e revistas femininas explicam como o ato de colocar o preservativo pode

tornar-se um jogo erótico em si mesmo para reduzir a frustração de ter de usar a proteção ainda que o sentimento da paixão queira exatamente o oposto. As relações iniciais, portanto, ficaram mais *desconfiadas*, mas à medida que o amor vai crescendo e a confiança aumentando, a camisinha é posta de lado após os exames de anti-HIV terem sido trocados como se fossem alianças de casamento.

O outro tema é o advento das medicações para disfunção erétil como o sildenafil (Viagra<sup>®</sup>), tadalafil (Cialis<sup>®</sup>) e vardenafil (Levitra<sup>®</sup>). Inseridos dentro de uma relação sincera, de confiança e de colaboração mútua são úteis terapêuticamente, podendo ajudar casais que apresentam problemas nas suas relações sexuais. Entretanto, quando o casal está isolado, cada um preso em seu narcisismo, a coisa se complica, pois o remédio surge como uma reparação de falha narcísica, em vez de se constituir num aliado da relação objetual. Por exemplo, um homem que toma a medicação sem contar à parceira para que ela pense que ele tem ereções naturais. Não havendo diálogo, toma a medicação e espera uma oportunidade sexual e, caso rejeitado, pode sentir-se duplamente frustrado, por ter tomado medicação desnecessariamente.

Enfim, lê-se *Vínculos Amorosos Contemporâneos: psicodinâmica das novas estruturas familiares* com prazer e interesse.